



RYON BRAGA

Presidente da Hoper Educação

Curto prazo não combina com boa formação

Governança corporativa é o conjunto de processos, costumes, políticas, leis, regulamentos e normatizações que regulam a maneira como uma empresa ou instituição é dirigida, administrada ou controlada, envolvendo os relacionamentos entre sócios ou associados, conselho de administração, diretoria e órgãos de controle.

Em qualquer área da economia, tanto nas empresas públicas como privadas, as boas práticas de governança corporativa garantem a conversão de princípios em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor da organização, contribuindo para a sua sustentabilidade e longevidade.

Nas universidades públicas e privadas, a governança deve atuar em função de garantir a aderência dos principais gestores a códigos de conduta pré-acordados e aos critérios de condução da empresa, através de mecanismos que tentam reduzir ou eliminar os conflitos de interesse e em tornar mais criteriosa a tomada de decisão.

Pesquisa realizada pela Hoper no primeiro semestre deste ano detectou que somente 20% das universidades brasileiras adotam

Pesquisa realizada pela Hoper no primeiro semestre deste ano detectou que somente 20% das universidades brasileiras adotam boas práticas de governança, o que ajuda a explicar a lamentável situação em que muitas delas se encontram

boas práticas de governança, o que ajuda a explicar a lamentável situação em que muitas delas se encontram, pois a profissionalização da gestão só é efetiva se for precedida e embasada em uma adequada estrutura de governança, sem a qual todo o investimento em gestão e bons profissionais pode ser ineficiente.

Observando os motivos que levaram muitos mantenedores (donos de instituições de ensino) a venderem suas empresas nos deparamos com duas situações presentes na grande maioria dos casos: problemas de governança e problemas sucessórios. São mantenedores que misturam o patrimônio e as questões familiares com as questões empresariais, desrespeitam a linha hierárquica dos seus gestores, não adotam critérios técnicos na tomada de decisão e não são transparentes na prestação de contas. Além disso, colocam seus parentes na linha de comando da empresa, sem que os mesmos tenham a mínima condição técnica de assumir a função.

Na outra ponta, muitos investimentos minoritários (investidores financeiros) deixam de ser realizados devido ao baixo nível de governança encontrado pelos investidores nas empresas educacionais alvo destes investimentos.

Por outro lado, o ativismo dos acionistas minoritários (geralmente fundos de investimento), vem sendo substituído pelo Engajamento de Longo Prazo. Um fundo que entra no setor de educação para sair em menos de oito anos dificilmente não irá ajudar significativamente a melhorar o negócio. Sugerimos que os mantenedores mantenham distância de fundos predadores com visão de curto prazo. Educação e curto prazo são elementos que não combinam. ■